

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS
ADOLESCENTES NA ZONA RURAL .**

Vieira, R. Bento^{1,2}, Linhares, M. I. S. Bezerra^{1,3}

¹Professora do curso de Pedagogia (UVA), ²Colaboradora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Culturas Juvenis -GEPECJU, ³Doutoranda em Sociologia(UFC), Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Culturas Juvenis - GEPECJU, Orientadora.

Palavras Chave: Adolescente. Escola. Família. Psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

A família e a escola enquanto instituições socioeducativas devem assumir a responsabilidade no desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem de conteúdos que envolvam conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores. Esses aspectos por sua vez, visam à construção da identidade dos filhos\educandos, no desenvolvimento de significados e para o exercício da cidadania, na medida em que possibilitam a aprendizagem da participação crítica e criativa, contribuem para formar cidadãos que atuem na articulação entre o estado e a sociedade civil.

Nessa perspectiva, este trabalho trata da relação família e escola, na percepção dos adolescentes em uma escola pública rural do município de Tianguá, e teve como objetivo principal buscar conhecer a percepção dos alunos, jovens adolescentes, que estão em meio a esta relação sobre os papéis e vínculo família-escola na referida instituição.

As principais questões que norteiam a pesquisa são: o que pensam os alunos sobre a relação família escola? Que sentimentos e percepções carregam consigo? Será que os alunos consideram importante essa relação?

Para fundamentar esse trabalho contou-se com a contribuição de autores como Daniel Sampaio (2004), Polônia e Dessen (2005), Parolin (2007) Simaia Sampaio (2009), entre outros.

De acordo com as estudiosas Polônia e Dessen (2005)³, quando se fala no papel dos pais na aprendizagem escolar dos filhos deve-se destacar alguns aspectos, no sentido positivo quando a família se encontra presente pode impulsionar/incentivar os filhos ao sucesso escolar e negativo

IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa

Universidade Estadual Vale do Acaraú/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

quando a mesma se apresenta ausente/distante podendo contribuir para o desinteresse e fracasso escolar. Porém deixemos claro que não somente estes fatores influenciam na carreira educacional de nossas crianças, outros aspectos também, mesmo reconhecendo que a base familiar é essencial neste processo.

No entanto, em nossa modernidade a escola passou a vivenciar e preocupar-se com inúmeras situações que antes não eram visadas, pois se acredita, que para o aluno aprender, ele tem que estar em um ambiente propício à aprendizagem. Deve estar bem psicologicamente e socialmente preparado e com apoio familiar adequado, concordando com esta visão, aqueles que ensinam.

Portanto, quando se fala em participação família-escola, ambas, instituição e pais, reclamam por essa proximidade, pedem ajuda um ao outro, de modo a pensarem projetos comuns na direção da superação das dificuldades de aprendizagens dos filhos/alunos. Contudo, essa problemática não é uma tarefa de fácil resolução, pois exige muitos questionamentos, reflexões, que até o momento tanto se fala, estuda, discute, mas não temos uma definição pronta, e muito menos uma solução.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, onde utilizou-se de observações diretas na instituição escolar da zona rural, lócus da pesquisa. O estudo se dividiu em duas fases, a primeira com observações e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, através da seleção de uma amostra de onze alunos, para levantamento do perfil. E na segunda fase, com aplicação de dois testes psicopedagógicos projetivos denominados de ‘Par educativo’ e ‘Família educativa’, para melhor percepção dos sentimentos dos adolescentes sobre o tema. Por se tratar de um procedimento de aplicação individual, devido o trabalho da expressão subjetiva dos participantes através de desenhos e por isso necessário um tempo maior com cada sujeito, só foi possível aplicá-los com seis, dos onze adolescentes que dispuseram a colaborar com a pesquisa. Os testes visavam compreender a relação dos adolescentes com a aprendizagem e com a família. È importante frisar, que para identificação dos adolescentes em gênero, foram utilizados nomes fictícios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os adolescentes participantes da pesquisa possuem entre 13 e 15 anos, atualmente estudam no nono ano ‘c’, no turno tarde, na referida escola. Esses adolescentes são oriundos em sua maioria,

IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa

Universidade Estadual Vale do Acaraú/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

de arranjos familiares tradicionais e filhos de agricultores, em que os pais possuem pouca instrução escolar, e as únicas fontes de renda são agricultura, pequenos comércios e o bolsa família.

Quanto a relação com suas famílias, nove dos onze adolescentes entrevistados, consideram ter uma ótima relação com sua família, expresso nas falas de alguns deles:

“Ótima. Porque quando eu estou com problemas, eles me ajudam e nos apoiam”. (Francine).

“Ótima. Porque é uma família muito carinhosa”. (Benedita).

Na fala desses adolescentes há uma expressão da afetividade familiar, porém são muitas realidades, umas mais simples e outras mais complexas. De acordo com Parolin (2007), “cada pessoa é única e reage de forma particular diante de um mesmo estímulo. Portanto, cuidar da afetividade de uma criança é pensar em seu desenvolvimento de uma forma ampla”². O que percebemos então nas falas citadas, é que há no ambiente familiar um pouco dessa realidade, um lado afetivo e singelo de se perceber nessa relação.

Ao se tratar da participação dos pais na escola, verificamos então que todos os adolescentes entrevistados consideram muito importante, pois para eles, vai muito mais além da presença, vêm como uma forma de incentivo, de orientação, que seus pais se preocupem e se interessem pelo processo educativo.

Quanto aos testes projetivos, o que podemos perceber sobre as representações dos alunos sobre uma pessoa que ensina e outra que aprende (par educativo), é que há na maioria das produções, uma relação equilibrada com a aprendizagem. Há uma projeção positiva de depósito, onde o professor, personagem indicado como aquele que ensina, é supervalorizado por características pessoais como uma pessoa legal, que orienta, dá conselhos, que é amigo dos alunos, em que foram registrados seus próprios professores como referência, é o caso dos professores de história, de matemática e de religião. De fato segundo Daniel Sampaio (2004, p.225), “são as atitudes do professor que vão nos marcar de forma positiva ou negativa a ideia que temos de nós e a crença nas nossas capacidades”⁴.

No segundo teste, ‘família educativa’, temos a percepção através dos desenhos, que há diferenças na visão dos adolescentes em relação à família, enquanto um a representa com maior distância entre os membros, outro representa com maior aproximação e de forma mais afetiva. São diferentes formas de conceber a base familiar, quando se leva em consideração o papel que esta exerce e como são estabelecidas essas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa

Universidade Estadual Vale do Acaraú/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Diante de nossos estudos e discussões, o que percebemos é que mesmo com o apelo da participação familiar na aprendizagem dos filhos, esta idealização ainda se encontra muito distante da realidade.

Não sabemos, porém, como se configurarão essas questões ou que repercussões trarão. Os adolescentes pesquisados apontam em suas respostas o porquê consideram importante o acompanhamento da família na aprendizagem, contrariando o que se pensava, ‘que adolescente não quer influência de seus pais na escola, que vive em um mundo próprio’, estes vêm como fundamental a participação deles, mostrando que é uma forma de incentivo nos estudos, que é positivo que sua família saiba o que acontece na escola, para poder orientá-los.

Então, percebe-se que não somente a escola, na visão dos educadores, mas os próprios alunos, em especial os adolescentes, pedem por essa participação da família. O que resta, afinal é a família conscientizar-se desse papel sobre o qual está sendo cobrada.

No entanto, mais urgente que isso, deve ser primeiramente o esclarecimento de como deve ser essa participação? Os pais acompanharem nas tarefas de casa? Frequentar as reuniões de pais e mestres? Exercer a autoridade da família, estabelecendo limites aos filhos? Porque é de conhecimento quase universal dessa importância, porém nem mesmo a escola e muito menos a família, têm essa definição clara de participação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Antônio Luiz Sabóia Alcanfor pelo grande incentivo e à Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹LOSACCO, Silvia. O jovem e o contexto familiar. *In*: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (org). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5.ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais- PUC/SP, 2010.

²PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Pais e Educadores: quem tem tempo de educar**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

³POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *IN*: **Psicologia Escolar e Educacional**. Volume 9, Número 2 303-312, 2005.

⁴SAMPAIO, Daniel. **Inventem-se Novos Pais: Construindo uma relação mais sólida e confiável entre pais e filhos**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa
Universidade Estadual Vale do Acaraú/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

⁵SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico**. Rio de Janeiro: WakED., 2009.